

Candangolândia vai virar um bairro nobre

Candangolândia, localizada nas proximidades do Jardim Zoológico e vinculada administrativamente ao Núcleo Bandeirante, está mudando. As casas ali construídas pela Sociedade de Habitação e Interesse Social (SHIS), em 1984, para o assentamento de invasores da região, começam a dar lugar a sobradinhos e mansões, transformando a antiga favela de concreto em bairro de classe média.

A localização privilegiada, cerca de 13 km do centro de Brasília, incentiva a especulação imobiliária e expulsa do local os moradores carentes, deturpando o projeto do Governo de atender às populações de baixa renda. Uma casa de três cômodos está sendo vendida por Cr\$ 2,5 milhões e, desde o ano passado, não existe mais impedimento legal para que os mutuários da SHIS transfiram seus imóveis para terceiros.

Segundo a Diretoria Imobiliária da SHIS, 30% dos 2.300 mutuários da Candangolândia contemplados em 1984 já venderam seus imóveis. Como a comercialização era proibida se usava o artifício do "instrumento particular de cessão

de direito", uma procuração que dá ao comprador direitos sobre o imóvel.

Há também casos em que ex-mutuários da SHIS se arrependem de terem vendido seus imóveis. A dona-de-casa Ana Maria da Silva procurou esta semana a presidência da empresa tentando conseguir uma outra chance. "Ficamos sem dinheiro para pagar a prestação e meu marido resolveu vender. Forçou-me a assinar a procuração. Há um ano ele morreu e estou morando de aluguel em Planaltina", conta.

Ana Maria tem poucas chances de conseguir um outro imóvel. O anterior continua em seu nome nos cadastros da empresa, que tem como norma não atender a pessoas que possuam ou já possuíram imóvel no DF. Ao mesmo tempo não se pode tomá-lo do comprador que tem em mãos a procuração de cessão de direito, um documento com valor legal.

Vítimas

Outros mutuários são vítimas da atuação de corretores inescrupulosos que se aproveitam da ingenuidade para forçar a venda. A fa-

xineira Maria Pereira da Silva, 45, conta que há três anos viajou para Uberlândia e quando voltou estava sem sua casa no Setor P, norte da Ceilândia, vendida por seu marido a um corretor de nome João, estabelecido nas proximidades do Jumbo, em Taguatinga. "Ele aproveitou a fraqueza do meu marido, que é alcoólatra, e fez com que ele assinasse a procuração". Maria contou esta história à presidência da SHIS e espera ter seu imóvel de volta.

A empresa tem recorrido à Justiça para reaver alguns de seus imóveis. Até agosto deste ano foram movidos 220 processos em casos de transferência irregular e 60 para a retomada por falta de pagamento. O diretor imobiliário da SHIS, Eustáquio Santos, diz que estes processos são onerosos e por isso acabou-se com o prazo de carência para a venda e se procurou um maior rigor na seleção dos candidatos. "Queremos dar casas a quem realmente precisa e quem precisa não vai vender", diz ele, acrescentando que nos casos de inadimplência a empresa sempre tenta uma negociação.



Em pouco tempo as casas de três cômodos vão dando lugar a grandes sobradinhos da classe média